

Livros | HQs

Filha, Mãe, Avó e Puta

★★★

Gabriela Leite *Objetiva*

criadora da exótica grife Daspu relata como a prostituição marcou sua vida



GAROTA JOVEM, BONITA, instruída e de classe média resolve se prostituir por curiosidade – e também porque rende bons dividendos. Após um tempo, cansada do batente, deixa o metiê

lança uma autobiografia relatando os usos dessa experiência. Você pensa que já viu esse enredo antes, mas, apesar da similaridade, a relação de Gabriela Leite com a prostituição é bem mais profunda. Filha de um bon vivant da aristocracia paulistana com uma mulher religiosa e rígida, Gabriela cresceu em um universo de permissão e repressão. Quando cursava filosofia na USP e frequentava rodas de bar com os intelectuais da ditadura, decidiu se prostituir atraída pelo glamur da profissão. Em *Filha, Mãe, Avó e Puta*, ela relata de maneira elegante as agruras e as vantagens de ser uma prostituta, sem nunca cair na pornografia barata. E nessa trajetória o ponto fundamental foi se descobrir capaz de lutar pelos direitos e pela dignidade da classe, redundando na criação da ONG Davida e mais recentemente, na bem sacada “putique” de luxo, a Daspu. LEONARDO DIAS PEREIRA

Made in Suécia - O Paraíso Pop do Abba

★★★½

Daniel Couri *Página Nova Editorial*

uma opção em português para conhecer a carreira do quarteto sueco



ENTRE OS GRUPOS QUE tentaram criar o pop perfeito, unindo acessibilidade a qualidade artística e originalidade, o Abba foi certamente um dos que chegaram mais perto. Suas armas secretas:

quatro vocalistas lindas e excelentes (Agnetha Fältskog e Frida Lyngstad), dois compositores, músicos e produtores talentosíssimos (Bjorn Ulvaeus e Benny Andersson) e uma banda de apoio de rara

Erro Trágico

Ex-detento lança olhar estrangeiro sobre a vida nos presídios brasileiros



★★★½ Memórias do Submundo

Rodger Klingler *Best Seller*

RELATOS DE EX-PRESIDIÁRIOS NÃO SÃO NOVIDADE NA LITERATURA. *Memórias do Submundo* é exatamente isso, com uma diferença: foi escrito por um alemão que passou os anos de 1985 a 1989 em diferentes cárceres do Rio de Janeiro. Rodger Klingler era um jovem cozinheiro quando veio ao Brasil pela primeira vez. Encantou-se com a liberdade, as mulheres e a cocaína. Com a perspectiva de fazer uma pequena fortuna comprando o pó aqui e revendendo na Alemanha, tentou voltar para casa com 1 kg em uma costura falsa da jaqueta. Detido, cumpriu pena de quatro anos e suas desventuras incluem brigas com outros presos, torneios heróicos de futebol e uma fracassada tentativa de fuga. Foi testemunha ocular do início da aids e do surgimento do crack na cadeia. Tinha 21 anos. Hoje, com 44 anos e vivendo em seu país natal, Klingler trabalha como roteirista. Nada é inédito para nós: a precariedade do sistema carcerário, a brutalidade e a corrupção que grassam entre os policiais e o judiciário, a sociedade paralela formada dentro da detenção e até mesmo as figuras surpreendentemente humanas que emergem desse ambiente tão contrário à vida. A obra vai bem nas partes puramente narrativas, na ação de fato. O autor derrapa nas digressões, muitas vezes infantilizadas e enfraquecidas pela pouca substância referencial. Porém, o atrativo reside justamente no olhar estrangeiro sobre a cruel realidade vivida na pele do autor. MAURICIO DUARTE

Entrevista com Rodger Klingler

Você mostra um claro ressentimento em relação ao modo como seu caso foi tratado pelo consulado alemão...

A embaixada alemã realmente não fez nada por mim. Vinham a cada seis meses ao presídio para me visitar, não me ajudaram em relação a um advogado, me viram como um objeto que sujava a imagem da Alemanha.

A Unicef do Brasil me ajudou mais do que o consulado da Alemanha.

A impressão que fica é a de que você tratava tanto o uso da droga como o tráfico internacional de uma maneira leviana, quase ingênua. Você teve a ilusão de que poderia voltar com a droga para a Alemanha?

Olha, fui um jovem aventureiro e queria ganhar dinheiro. Foi mais do que uma ilusão para mim, quis vender a coisa na Alemanha e voltar ao Brasil como homem feito. Com 1 kg de cocaína vendida aqui na Alemanha você não tem mais problemas financeiros. Na Alemanha você paga pelo menos 100 euros por 1 grama de cocaína boa, que corresponde a R\$ 300. O lucro é imenso. M.D.

NOVOS TEMPOS

O alemão Klingler medita sobre seu tempo na cadeia brasileira

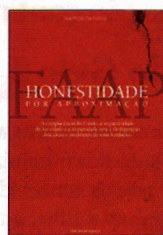


eficiência. Nunca tiveram medo de experimentar novos rumos. Quando aceavam a mão, nos proporcionavam maravilhas do naipe de “Dancing Queen”, “The Name of the Game”, “S.O.S.”, “Summer Night City” e “Take a Chance on Me” entre outras. Quando erravam, por orgulhavam de cabeça no brega, canções infames (mas inevitavelmente grudentas) como “I Have a Dream” e “Chiquitita”. O jornalista Daniel Couri mergulhou fundo na história do quarteto e fez uma biografia de texto leve e fluente, repleta de informações e com detalhes minuciosos sobre cada disco, cada música, e também sobre a vida pessoal dos integrantes, sem cair no sensacionalismo. Uma obra compacta (menos de 300 páginas), mas de padrão internacional que vai aliviar o bolso de quem está disposto a gastar num similar importado. FABIAN CHA

Honestidade por Aproximação ★★★½

Wanderléia Farias *Editora Biografia*

Uma avalanche de denúncias contra a tradicional fundação paulistana



ALÉM DE MENSALIDADES que pesariam no bolso de um Donald Trump e das universitárias mais gatinhas (e patricinhas) da cidade de São Paulo, a Faap (Fundação Armando Álvares Penteado) acaba de ganhar um abacaxi tamanho família: o livro *Honestidade por Aproximação*, da jornalista Wanderléia Farias. Embora sofra com uma overdose de adjetivos e alguma ‘encheção de linguiça’, a obra apresenta uma série de supostas irregularidades cometidas pela diretoria da Fundação. Wanderléia relata casos de tráfico de influência, nepotismo, uso indevido de cartões corporativos, apropriação de obras de arte e aquisições de livros incomuns em nome da biblioteca da Faap – como os “incompreensíveis” *100 Formas de Furtar Honestamente*, *Como Emagrecer Trepanando* e *Guia Completo do Submarinismo*. O livro também apresenta um retrato trágico e realista de uma certa parcela da elite paulistana. Há algum tempo, *Honestidade por Aproximação* é assunto de campus da universidade e já se transformou em um best seller entre os alunos e os professores da Faap – mesmo sendo recomendável circular pelas instalações da universidade com a obra embaixo do braço. Até o momento, a direção da Faap está concentrando seus esforços em descobrir quem foi o mecenas que bancou a obra (10 mil cópias), mas ainda não vai a público esclarecer as graves denúncias. A sociedade está esperando. GILBERTO AMENDOLA